

O QUALIS E A CLASSIFICAÇÃO DAS REVISTAS

Gilson L. Volpato – 15/03/2016

www.gilsonvolpato.com

Dentre alguns erros conceituais do sistema Qualis, aqui vou rapidamente falar de um deles. Trata-se da ênfase dada à revista de publicação. Ou seja, pesquisadores e programas de pós-graduação são premiados pelas revistas nas quais conseguem publicar. Numa análise histórica percebo que essa ênfase foi necessária, mas não é mais. Do final de década de 1990 e até a primeira década de 2000, um forte contingente das pesquisas da pós-graduação brasileira era ainda canalizado para revistas nacionais brasileiras, ou algumas estrangeiras de baixo escalão. Havia uma resistência, particularmente em algumas áreas (Humanas, Agrárias, Saúde, Engenharias, entre outras), em se publicar em revistas científicas internacionais. Ou seja, o pesquisador brasileiro, em sua maioria, não se arriscava nas revistas internacionais e preferia fazer carreira publicando no que tínhamos aqui no Brasil. O acompanhamento da evolução do número de revistas da metodologia Scielo com trabalhos exclusivamente em inglês mostra esse mesmo quadro. Nesse período, a necessidade era fazer diversas áreas entenderem que deveriam fazer ciência e debater com o cenário mundial, o que exigia a publicação em periódicos de bom nível internacional (não bastava ser do exterior). Como esse olhar não era um olhar automático dos nossos pesquisadores, a CAPES deu uma mãozinha e premiou revistas internacionais. Isso foi mais enfaticamente firmado em 2008, quando o Fator de Impacto das revistas foi fortemente atrelado à classificação QUALIS. Em meados desse ano eu dei essa notícia num congresso brasileiro de Fitopatologia realizado em Belo Horizonte, enquanto participei de uma mesa-redonda. A notícia foi recebida com um forte "precisamos ir à CAPES acabar com isso", enquanto eu me perguntava: ninguém chegou a admitir que talvez precisássemos repensar nossa ciência? Nos últimos 6 anos, no entanto, me parece que uma grande parcela dos pesquisadores brasileiros já está convencida da publicação em periódicos internacionais, adentrando no debate mundial de suas respectivas especialidades.

Mas é exatamente nesse período que o QUALIS sofre alterações que desnorteiam e desincentivam muitos pesquisadores. Sem entrar nos detalhes do QUALIS, mas sem ignorá-los, reflito aqui sobre o que significa, nesta nova fase da ciência brasileira, avaliar revistas. Hoje os pesquisadores estão cada vez mais cientes da interdisciplinaridade na ciência. Isso tem sido facilitado pela flexibilidade de conversa entre diversas áreas, particularmente pela maior chance de comunicação entre as pessoas. Essa nova fase é condizente com um aumento gradativo no número de revistas mais abrangentes em termos de escopo do conteúdo. Veja que revistas de bom nível aparecem com esse viés, como a PLOS ONE, SCIENTIFIC REPORTS, PNAS, NATURE COMMUNICATIONS, SCIENCE e NATURE. Chegam a publicar artigos das três áreas (de nanotecnologia à sociologia). Em menor grau, a maior flexibilidade (interdisciplinaridade) das revistas é percebida também em revistas dentro de uma mesma área.

Enquanto um pesquisador batalha para conseguir uma publicação numa revista, ele enfrenta a crítica dos revisores e editores. Os editores já avaliaram grosseiramente se o trabalho condiz com o perfil da revista. Aceitando isso, enviam aos revisores que analisam mais profundamente o conteúdo da pesquisa, inclusive sua pertinência ao foco da revista. Quando o autor consegue a publicação, mostra que tem força de combate, pois esse debate é construído às claras, com críticas e respostas. Portanto, entrar numa revista de melhor escalão significa que o autor tem bom poder de argumentação científica. Quando olhamos para o artigo após a publicação, percebemos que o poder é outro. Entram em jogo elementos mais estáticos da pesquisa, como características de comunicação e argumentação científica. Note que você não estará ao lado dos leitores e eles podem rejeitar seu artigo simplesmente porque não gostaram ou não entenderam o título ou alguma análise mais sofisticada. No caso do debate com os revisores, isso é mais facilmente resolvido, pois você receberá essa informação e, muitas vezes, terá chance de contrargumentação. Portanto, notamos que revista e artigo podem avaliar coisas bem diferentes sobre o cientista.

A partir do momento que o QUALIS segrega revistas em grupos de "diferentes qualidades" (e posso dizer qualidades) para programas de diferentes comitês, comete um grande equívoco. Imagine um pesquisador A que está credenciado em dois programas (P1 e P2) de pós-graduação que não são exatamente iguais (por ex., aquicultura e ecologia; fisiologia cardiorrespiratória e esporte; aprendizagem e ensino etc.). Esse quadro hipotético é bastante plausível. Suas pesquisas são publicadas em revistas de ótimo nível, mas poderá receber melhor avaliação no P1 caso essas revistas sejam consideradas nessa área P1 pelo respectivo comitê; mas poderá ser pior avaliado se as revistas que publica forem consideradas fora dessa área (até mesmo da área P2). [Que produção científica estamos avaliando?] O artigo produzido não será melhor ou pior por estar nesta ou naquela revista. Ele tem uma qualidade intrínseca. Há uns 20 anos ou mais, a publicação na revista da especialidade fazia algum sentido, pois se corria o risco de não ser lido se publicado em outras revistas. Com o advento da internet e das revistas eletrônicas, isso praticamente desaparece (exceto pelo preconceito entre áreas, mas esse também é um equívoco). Hoje, se publicarmos um artigo na Scientific Reports, uma revista do grupo Nature, mas razoavelmente acessível a muitos pesquisadores, certamente será lido por todos os interessados, independentemente de área ou comitê. Isso é garantido pela visibilidade que as revistas têm hoje. Mas, pelo QUALIS, não é assim. [Que produção científica estamos avaliando?] Se o pesquisador A publicar nessa revista, poderá ter essa produção considerada A1 num programa (por ex., P1), enquanto o mesmo artigo poderia ser considerado mais fraco em um programa P2. E posso dizer "fraco", apesar das contrargumentações da CAPES.

Estamos avaliando produção de ciência ou revistas? Escolhemos as revistas de cada área e quem se aventurar em publicar em outras revistas ficará prejudicado. Isso é um grande desestímulo a quem quer fazer ciência e buscar a excelência. Como eu disse acima, já passamos da época da necessidade de convencer nossos cientistas a olharem revistas de bom nível. Temos, urgentemente, que olhar a qualidade da ciência produzida. Embora a revista de publicação signifique isso, pelo seu maior ou menor rigor de análise dos manuscritos e também pela concorrência para adentrá-las (nas

principais revistas você concorre com os principais cientistas do mundo), essa mesma revista não pode ser considerada boa ou ruim em função da área em foco. Se eu publicar um artigo de educação na Science, talvez seja prejudicado; mesmo que eu dê sorte e esteja ligado a um comitê que considere a Science A1, algum outro colega, com muito menos esforço, poderá ter o mesmo A1 numa revista mais fraca. Equivale a dar 10 para quem tirou 10 e também para quem tirou 5,5. Esse sentimento de injustiça é patente em todos os cientistas que lutam para atingir os melhores escalões de sua profissão. Parece que são penalizados por fazerem direito o que de mais óbvio se espera de um cientista: entrar no círculo dos melhores do mundo e debater com eles. Por esses equívocos, o QUALIS tem premiado a incompetência, a ciência mais fraca e favorecido uma inversão de poderes entre nossos orientadores e programas de pós-graduação.

Sei que a CAPES nos diz que não avalia revista, mas isso cheira a retórica, uma vez que as revistas são colocadas em níveis que recebem premiações diferenciadas. Se esses níveis não se referem a qualidade, então a que se referem? Estamos premiando o quê? Acho que, na atualidade, o erro fundamental é ignorar o artigo e priorizar a revista. Um mesmo artigo não pode ser muito premiado num comitê e pouco premiado no outro simplesmente porque são comitês diferentes. Se aquele artigo é condizente com os programas aos quais foi dirigido e se a revista o aceitou (portanto, está no escopo delas), quem são os membros do comitê para mexerem nesse status indicando que a revista não é importante para determinada área. Mais condizente seria eliminar o artigo, mas ele foi encaminhado exatamente pelo autor e pelo Conselho do programa de pós-graduação, que o julgou condizente. Alguma coisa está estranha, ou muito errada.

Esses pontos que apresentei são apenas pequenos detalhes de todo o desastre do sistema QUALIS, por não terem conseguido atualizar esse sistema na medida certa dentro de uma perspectiva histórica da função das revistas e dos artigos para a ciência. Hoje, recursos e exemplos não faltam para que melhor avaliemos a ciência produzida. Falta, talvez, visão empreendedora para lançarem nossa pós-graduação num sistema de alta qualidade. Isso requer romper com ideias fixas, inegociáveis, e adentrar numa outra perspectiva de consideração da ciência. Exige ser audacioso, o que requer uma boa formação científica de base (não em termos de publicação, mas de conhecimento sobre o processo científico). Isso não significa que não temos pós-graduações de excelência, mas que não podemos matar uma maioria simplesmente porque uma minoria faz bem a lição de casa.

0-0-0-0-0-0-0-0